



**“NUNCA VIEMOS COMO PROTESTANTES E NEM QUEREMOS SER”: ENTRE MEMÓRIAS E DISCURSOS DE TIMOTHY BENJAMIN THOMAS E A IGREJA DE CRISTO NO BRASIL<sup>1</sup>**

**“WE NEVER CAME AS PROTESTANTS AND WE DON'T WANT TO BE”: BETWEEN MEMORIES AND DISCOURSES OF TIMOTHY BENJAMIN THOMAS AND THE CHURCH OF CHRIST IN BRAZIL**

**César Aquino Bezerra\***

**Universidade Federal do Amazonas – UFAM**

 <https://orcid.org/0000-0001-5116-5110>

[cesaraquinobezerra@gmail.com](mailto:cesaraquinobezerra@gmail.com)

**Júlio Claudio da Silva\*\***

**Universidade do Estado do Amazonas – UEA**

**Universidade Federal do Amazonas – UFAM**

 <https://orcid.org/0000-0002-4088-9612>

[julio30clps@gmail.com](mailto:julio30clps@gmail.com)

---

<sup>1</sup> Uma versão condensada desse texto foi publicada com o título “Ouvindo outras histórias sobre a Igreja de Cristo no Brasil: narrativas orais e tensões entre Uruará e Goiânia”, nos Anais do 7º Seminário do PPGH-UFAM.

\* Doutorando em História no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Amazonas.

\*\* Doutorado em História Social pela Universidade Federal Fluminense, com pós-doutorado desenvolvido no âmbito do Programa de Pós Graduação em História Universidade Federal Fluminense; com pós-doutorado desenvolvido no âmbito do Programa de Pós-Graduação Sociedade e Cultura na Amazônia da Universidade Federal do Amazonas. É Professor Associado Nível B no Centro de Estudos Superiores de Parintins da Universidade do Estado do Amazonas. É Professor Permanente do Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal do Amazonas

**RESUMO:** Para responder a como escrever a história de uma igreja e a quem recorrer para contar essa história, esse artigo investiga memórias e discursos sobre a Igreja de Cristo no Brasil, estabelecida em 1948. Enquanto a igreja, através de textos de seus mediadores oficiais, pastores-historiadores, se apresenta como parte da história protestante brasileira, Dr. Timothy Benjamin Thomas, cuja família que se instalou no norte do Brasil, contesta as narrativas e apresenta sua verdade de alguém que viveu a experiência missionária no interior do Amazonas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Memórias; discurso; protestantismo na Amazônia; Igreja de Cristo.

**ABSTRACT:** In order to answer the question of how to write the history of a church and who to turn to tell that story, this article investigates memories and discourses about the Church of Christ in Brazil, established in 1948. While the church, through the texts of its official mediators, pastor-historians, presents itself as part of Brazilian Protestant history, Dr. Timothy Benjamin Thomas, whose family settled in the north of Brazil, contests the narratives and presents his truth as someone who lived the missionary experience in the interior of Amazonas.

**KEYWORDS:** Memories; discourse; Protestantism in Amazonia; Church of Christ.

## INTRODUÇÃO

A trajetória de um missionário norte-americano pode nos ajudar a compreender processos da história do tempo presente da Amazônia? Pensando em responder a essa questão, nossa pesquisa, desde meados de 2017, tem se debruçado sobre a história de Clinton Benjamin Thomas e se traduzido em outros trabalhos (BEZERRA, 2024).

Clinton Thomas nasceu em 28 de setembro de 1930, em Williamsport, na Pensilvânia, e faleceu em 21 de abril de 2007, em Knoxville, Tennessee. Sua companheira ao longo da vida, Phyllis Eleanor Thomas, nasceu em 26 de dezembro de 1934, também em Williamsport. Entre sua juventude, seminário, casamento e serviço de missões, o casal vivenciou sua trajetória religiosa nas Igrejas de Cristo, entre os Estados Unidos e o Brasil.

Em 1956, Clinton e Phyllis, migraram como missionários para Belém, onde tiveram seu primeiro filho, Timothy. Em 1958 se mudaram para Macapá, onde iniciaram outra igreja e no ano seguinte tiveram o segundo filho, Theodor. No começo da década de 1960, retornaram ao seu país natal, estabelecendo-se em Grand Junction, Colorado, onde nasceu o terceiro filho do casal, Thomas, em 1964. Naquele mesmo ano, eles voltam ao Brasil, e decidem por trabalhar em uma cidade que não tivesse outros trabalhos missionários, nem protestantes nem católicos. O território escolhido foi Urucará, no estado do Amazonas, onde os Thomas dedicaram-se não apenas à atuação religiosa pioneira, através da Igreja de Cristo em Urucará, mas também ficaram conhecidos pelas ações médicas, mecânicas e educacionais desenvolvidas na cidade e nas regiões próximas (BEZERRA, 2024).

Para nossa discussão neste artigo, dialogamos com as memórias de Timothy Benjamin Thomas, primeiro filho de Clinton e Phyllis Thomas, mais conhecido como Timóteo. Cidadão brasileiro e norte-americano, missionário da Igreja de Cristo e doutor em Estudos Bíblicos pelo Japan Bible Institute, o sr. Thomas é casado e residia em Urucará no momento de nossos encontros. Suas décadas de trabalho como missionário no Amazonas e em diversos países, conhecendo lideranças, participando de eventos e escrevendo sobre a história do cristianismo e de sua própria igreja, valorizam seu rememorar e percepções.

Contudo, as narrativas de Timothy Thomas se confrontam com o discurso da Igreja de Cristo no Brasil, apresentado por seus mediadores oficiais em diversos *sites* dentro de sua construção de identidade como uma igreja evangélica brasileira; com isso, analisaremos a oposição do missionário à memória oficial de sua igreja, reforçando sua primeira afirmação: “Nunca viemos como protestantes e nem queremos ser”. Nesse diálogo, recorreremos a autores como Pollak (1992) e Foucault (1996), em uma discussão sobre memórias, identidade e discurso. Ao fim, mais do que colaborador de um projeto de história oral, as memórias de Timothy são fontes para o conhecimento da história do tempo presente e essas tensões nos ajudam a compreender os processos históricos em que sua família esteve inserida.

## DE COMO CONHECEMOS AS MEMÓRIAS E DISCURSOS DOS THOMAS

No desenvolver de nossa pesquisa desde o segundo semestre de 2017, privilegamos o estudo da trajetória de Clinton Benjamin Thomas a partir das memórias construídas sobre esse sujeito histórico. Autores como Michel Pollak (1992), Ecléa Bosi (2003), Márcia Menendes Motta (2012), Alessandro Portelli (2016) e Marcos Montysuma (2019) nos fornecem a teoria para discutir a relação história-memória, bem como seus esquecimentos, sua seletividade e múltipla pertença, as ressignificações, inúmeras negociações, disputas e divisões externas e/ou internas ao sujeito.

A metodologia da história oral é privilegiada para esse diálogo, pois permite, conforme Verena Alberti (2014, p. 155), “o registro de testemunhos e o acesso a ‘histórias dentro da história’ e, assim sendo, amplia as possibilidades de interpretação do passado”. Na definição de Bosi (2003, p. 15), pela história oral, inúmeros sujeitos “tomam a palavra. A história, que se apoia unicamente em documentos oficiais, não pode dar conta das paixões individuais que se escondem atrás dos episódios”.

Ou seja, são esses sentimentos, percepções e interpretações que alcançamos pela história oral, o que explica a escolha dessa abordagem para investigar a trajetória de Clinton Thomas, bem como sua contribuição no conhecimento sobre a Amazônia recente (BEZERRA; SANTOS, 2023). Para tal intento, realizamos entrevistas com sujeitos que participaram de alguma forma desses acontecimentos (ALBERTI, 2014), pois a história oral nos permite conhecer essas experiências, ampliando a percepção histórica e abrindo-se a outras perspectivas.

Esses encontros do passado e presente, da memória oficial e da individual, das tensões e disputas entre os discursos, atrelam a história e a experiência, desveladas na fonte oral. Nessa direção, “a narrativa mostra a complexidade do acontecimento. É a via privilegiada para chegar até o ponto de articulação da História com a vida cotidiana” (BOSI, 2003, p. 19-20). Encontramos tais entrelaçamentos na narrativa dos nossos entrevistados (BEZERRA, 2024), mas especialmente no rememorar de Timothy Thomas.

Nosso colaborador se apresenta: “Eu sou doutor Timothy Benjamin Thomas, em inglês não é?, traduzido Timóteo em português. E aqui em Urucará, os que realmente me conhecem, desde os 53 anos que estamos aqui, me chamam de Timmy”. Sua dupla cidadania demarca também seus lugares no mundo: “Bom, eu trabalho voluntariamente na Bíblia. Como brasileiro, então eu sou evangelista, professor, mestre diz a Bíblia, tenho doutorado; como americano, seria missionário indo do Brasil para Filipinas, então eu sou missionário” (THOMAS, 2018). Repetidas vezes, “o Timóteo” foi assinalado pelos outros moradores de Urucará como aquele que devia ser procurado para conhecer a história de Clinton Thomas; ou seja, ele não apenas se apresenta como porta-voz da história de sua família, como é percebido como o guardião dessa memória (GOMES, 1996). Em nosso primeiro contato, em 2018, concedeu uma longa entrevista, detalhando suas memórias sobre a trajetória de seu pai, além de acesso a manuscritos de sua própria produção, que contam sobre a Igreja de Cristo em Urucará. Nos encontros, percebemos como ele sente o peso de uma “memória [que] vinha sendo sistematicamente deturpada e esquecida” (GOMES, 1996, p. 17), e por isso também construiu seu arquivo privado, para “registrar a ‘verdade’ política sobre o pai”. Sua linguagem também revela seu envolvimento nessa trajetória religiosa (e política), “fundada em muita sensibilidade e informação privilegiada” (p. 18).

A instituição religiosa na qual os Thomas viveram sua experiência religiosa ao longo de pelo menos três gerações, traça sua origem aos primeiros anos do século XIX.

Em um contexto de diversos movimentos reformadores, dois desses grupos, os *Cristãos* de Barton Stone e os *Discípulos* de Alexander Campbell, se uniram em 1832 formando o assim chamado *Movimento de Restauração*, também conhecido como *Movimento Stone-Campbell*. Suas congregações adotaram os nomes de *Churches of Christ* ou *Christian Churches* (Igrejas de Cristo ou Igrejas Cristãs), mas sem se organizar como uma denominação centralizada, privilegiando o sistema de igrejas locais em comunhão. O movimento se expandiu pelos Estados Unidos e para outros países, mas a permissão de práticas plurais resultou na divisão em três correntes: as igrejas de Cristo *A Capella*, de caráter mais radical; as Igrejas Cristãs *Discípulos de Cristo*, que formaram uma denominação de tendência liberal e ecumênica; e as Igrejas de Cristo/Cristãs *Discípulos independentes*, grupo que estudamos a presença no Brasil (BEZERRA, 2024).

Após uma primeira tentativa no final da década de 1920, no Brasil, o Movimento de Restauração se firmou em 1948, em Goiânia, Goiás. A memória oficial da Igreja de Cristo no Brasil orbita a trajetória dos missionários David e Ruth Sanders, fundadores da primeira igreja em Goiânia, percebidos como enviados de Deus para o país, conectados com a história nacional, pois teriam recebido a direção divina para iniciar uma igreja em Brasília, a qual foi inaugurada junto com a capital em 1960 (BEZERRA, 2024).

Goiânia é o centro principal da memória da Igreja de Cristo no Brasil, em sua construção de um discurso religioso, mas paralelo ao Centro-Oeste, missionários também foram enviados pelas igrejas norte-americanas à região Norte, iniciando a primeira igreja em Belém em 1952. É para essa cidade que Clinton e Phyllis, após sua formação no seminário e o casamento, migraram como missionários, e iniciaram sua colaboração ao serviço missionário na região Norte até a década de 1990 (BEZERRA, 2024).

O missionário Timothy Thomas começou a escrever sobre seu pai e o desenvolvimento do Movimento de Restauração ainda na década de 1980. Nos passos de seus pais, o colaborador seguiu as missões em nome das Igrejas de Cristo e também se dedicou a estudar. Sua carreira de professor e estudioso da Bíblia e da Teologia cristã iniciou-se no mesmo seminário que seus pais cursaram, o Johnson Bible College<sup>2</sup>, centro irradiador dos primeiros missionários do Movimento de Restauração ao Brasil. Com isso,

<sup>2</sup> O seminário nasceu em 1893 como The School of the Evangelists, em Knoxville, Tennessee, sendo renomeado como Johnson Bible College em 1909, em honra dos fundadores, Ashley e Emma Johnson. Em 2011, tornou-se Johnson University. Este é um dos vários seminários e universidades fundadas pelo Movimento Stone-Campbell, e onde estudaram muitos dos missionários que vieram ao Brasil. Cf. A History. **Johnson University**. Disponível em <http://history.johnsonu.edu/index.html>. Acesso em: 10 maio 2018.

ele escreveu diversos textos, em inglês e português, para contar a história de seus pais no serviço missionário e, possivelmente, para apresentar às igrejas nos Estados Unidos os relatórios e resultados das doações. Ao longo dos anos, além de construir a base epistemológica para suas pregações, o investimento no estudo teológico resultou no seu doutorado em um seminário japonês.

No decorrer de nossa pesquisa, retornamos ao colaborador as publicações envolvendo seu pai. Ele nos enviou um e-mail (THOMAS, 2022), que junto com sua entrevista (THOMAS, 2018), nos dirigem na escrita deste artigo. Dialogamos com as narrativas do missionário em oposição à escrita das (e sobre as) memórias de sua igreja. Também vemos “a produção do discurso” da Igreja de Cristo no Brasil, sabendo que “é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos” (FOUCAULT, 1996, p. 8-9). Nesse sentido, o discurso é o objeto do desejo disputado entre o missionário e sua igreja.

### DA HISTÓRIA DE UMA IGREJA DIFERENTE

A missiva eletrônica inicia lembrando que o colaborador de nossa pesquisa não é estranho ao mundo acadêmico da universidade e conhece seus discursos: “Saudações em Nome do Senhor! Agradeço imensamente os artigos e poder ler as suas obras. Sei que vai ter outras futuramente. Tenha a certeza que não irei ‘roubar’ ou vender a informação” (THOMAS, 2022).

No desenvolver de seu e-mail, fica claro o embate entre os discursos do missionário e da Igreja de Cristo no Brasil, envolvendo o tema “protestantismo” e sua percepção de serem uma igreja diferente. Nossa pesquisa insere a trajetória das igrejas do Movimento de Restauração no campo dos protestantismos brasileiros. Para entender a fundação da Igreja de Cristo em Urucará, traçamos um histórico das inserções protestantes na Amazônia, a partir da primeira parte do século XIX, tomando o mesmo caminho que os Thomas fizeram, do Pará ao Amazonas, navegando o grande rio. Portanto, antes dos Thomas chegarem a Urucará, encontramos os primeiros missionários em Belém e Manaus, a presença norte-americana na Amazônia, não só no seu sentido econômico, mas também no dos migrantes religiosos, e as reconfigurações do catolicismo amazônico. Esse é o universo que a Igreja de Cristo foi fundada em Urucará, baseando-se no caminho aberto por outros migrantes religiosos que colaboraram para o

estabelecimento das primeiras igrejas protestantes nas duas principais capitais amazônicas (BEZERRA, 2024).

Tal também é a posição da Igreja de Cristo no Brasil na construção de sua tradição. Ao longo dos anos a Igreja de Cristo no Brasil manteve um *site* para contar sua história e suas memórias. Denominado *Movimento de Restauração*, ele trazia pastores como articulistas, os quais podem ser identificados como “mediadores formalizados constituídos pelas instituições” (BOSI, 2003, p. 15) ou o que Pollak (1992, p. 206) chamou de historiadores orgânicos, responsáveis pelo “trabalho de enquadramento da memória” da instituição. Seus escritores aparentemente autorizados foram nossa primeira fonte de pesquisa; ainda que o portal na internet tenha sido descontinuado, suas publicações, inclusive com os mesmos títulos, são republicadas por outros *sites* e redes sociais de órgãos ou líderes da igreja.<sup>3</sup> Assim, figura-se o interesse da Igreja de Cristo em falar de si, destacar seus exemplos de fé, marcar seu crescimento e demarcar-se na história da inserção protestante e crescimento evangélico no Brasil (BEZERRA, 2024).

Conforme tais publicações, no esforço de se inserir na história mundial do cristianismo, logo na construção de uma identidade, as igrejas do Movimento de Restauração brasileiro traçam sua origem até os pré-reformadores, que rejeitaram diversas doutrinas e práticas da Igreja Católica Romana, seguindo para a Reforma Protestante, na defesa da livre interpretação da Bíblia. Aludem também aos puritanos, que enfatizavam formas e padrões neotestamentários, e influenciaram igrejas batistas e outros movimentos dos séculos XVIII e XIX. Ao mesmo tempo, o pietismo na Alemanha, o metodismo na Inglaterra e os dois grandes despertamentos nos Estados Unidos, também marcaram os movimentos religiosos norte-americanos nascidos naquele período. Assim, este Movimento põe-se como herdeiro de outros processos religiosos protestantes, à procura de uma *restauração* do que interpretavam como legitimamente bíblico, portanto, correto (BEZERRA, 2024).

Contudo, o Dr. Timothy Thomas contesta essa conclusão: “Se posso escrever, sem nenhuma repreensão, mas para defesa acadêmica, tem algumas coisas/itens de cerne principal”. Apontando ser algo “que parece não preocupar a comunidade acadêmica e social”, ele rememora os nomes fundadores e os três ramos das igrejas para então

---

<sup>3</sup> Ainda que o primeiro *site* não exista mais, outros retransmitem a maior parte dos artigos da Igreja de Cristo que foram usadas para a escrita do segundo capítulo de Bezerra (2024), tais como: Apenas um Peregrino, do Pastor Ale Rocha, em <https://www.alerocha.net/>; História Igreja de Cristo, em <http://historia-ic.blogspot.com/>; e O Presbítero Cristão, do Pastor Pedro Agostinho Júnior, em <http://opresbiterocristao.blogspot.com/>.

declarar: “Este breve pormenor porque a Igreja de Cristo Reúne-Se Aqui em Urucará NÃO VEM OU PROVÉM DO PROTESTANTISMO”. Argumentando a partir do lugar que reclama nos discursos religioso e acadêmico, como missionário e teólogo, Dr. Thomas contrapõe-se afirmando que este “É um ponto miseravelmente resistido ou desconhecido pelas pessoas, pesquisadores, religiosos e até a maioria dos membros e obreiros. É por esta causa que surge tanta desinformação, falta e visão, desentendimento” (THOMAS, 2022). Portanto, segundo ele, não se conhece a verdadeira história da Igreja de Cristo. E é na vontade dessa verdade que ele pauta sua escrita.

Onde encontrar tal verdade? Recorrendo ao passado, salienta que o Movimento de Restauração “no início não era uma igreja, e nem pretendia ser”. Os fundadores, “Barton Stone, Thomas e Alexander Campbell nem intencionaram formar uma ‘igreja’ (nem instituição ou prédio) plenamente visto nos escritos de Alexander Campbell CHRISTIAN BAPTIST e Barton Stone MESSENGER.” Seu propósito era “somente ter como fundamento e padrão de doutrina o que plenamente estava descrito no Novo Testamento, e na prática da Igreja (como instituição visível e orgânico após Atos 2).” Por isto, “Jesus seria e é o PASTOR, Jesus descrito nas Escrituras em particular os quatro Evangelhos” (THOMAS, 2022).

Pollak (1992, p. 201), sobre os elementos constitutivos da memória, quer seja individual ou coletiva, aponta os acontecimentos “vividos por tabela”, como aqueles “acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não”. Na relação de Timothy Thomas com os fundadores, obviamente ele não esteve presente, mas o poder de suas palavras e interpretações bíblicas se tornam parte dele, uma memória quase herdada:

Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase herdada (POLLAK, 1992, p. 201)

E ainda na perspectiva dos elementos da memória, os fundadores são “personagens frequentadas por tabela, indiretamente, mas que, por assim dizer, se transformaram quase que em conhecidas, e ainda de personagens que não pertenceram necessariamente ao espaço-tempo da pessoa” (POLLAK, 1992, p. 202). Para Dr.

Thomas, como é possível alguém não privilegiar Stone, Campbell e outros do século XIX e tê-los em detrimento diante de nomes atuais?

Tal entendimento sobre o passado, segundo Timothy Thomas, nortearia as ações missionárias de sua família no Amazonas: “Quando chegamos em Urucará temos um folheto que distribuimos que diz que a Igreja de Cristo não é nem ‘Protestante, Católica ou Judaica’. Aí nos anos 70-80 tentaram empurrar que a gente é Evangélicos” (THOMAS, 2022). Se a atual Igreja de Cristo no Brasil se vê como parte dos evangélicos do país, Timothy remete outra vez à história eclesiástica, ao passado de restauração do movimento, e discorda: “Também está doutrinamente, historicamente errado, pois Evangélico dito assim, não vem do próprio evangelizar pessoa (que aceitamos e fazemos como as Católicas também no apostolado)”, a origem de tal termo “vem do Evangelicalismo, dos 1800s após o segundo Avivamento no EUA”, quando tornou-se popular a ênfase na “fé somente (oposto ao Movimento de Restauração que tem batismo imersão como necessário para ser Cristão)” (THOMAS, 2022).

Conforme o colaborador, sua igreja tem distintivos bem claros e que não devem ser ultrapassados:



A Igreja de Cristo é CONTRA pecado original hereditário, contra calvinismo [que tira a gente dos Protestantismo], contra “fé somente” (por isso não do Evangelicalismo), contra uma série de ditos milagres, posterior “revelações diretas de Deus”, prosperidade (então a gente está fora dos Pentecostais, Carismáticos e neo-Carismáticos, tudo inventados depois da Igreja de Cristo existir). [...] (Lema que papai ensinou “Fala aonde a Bíblia fala, cala aonde a Bíblia cala”, também “dá nomes Bíblicos as coisas Bíblicas, e faça coisas Bíblicas do modo Bíblico”) (THOMAS, 2022).

Destacando o lugar em que se enxerga no mundo dos discursos, Dr. Timothy Thomas pontua: “Estes pequenos dizeres é que torna o trabalho do pesquisador difícil pois ver que, eu com doutorado, meu pai formado, conhecido”, mesmo assim enfrentaram esses desafios, para então frisar que não se desviaram dos ideais aprendidos: “MAS não procuramos registrar com governo, pedir CNPJ, estatutos, ata etc. pois nenhuma destas coisas se acha no Novo Testamento. Seria no máximo opção, mas NÃO regulamento” (THOMAS, 2022).

Tal narrativa serve a um propósito logo esclarecido: “Também explica para o seu estudo porque papai veio a Urucará 8 de abril de 1965 porque NÃO veio competir, fundar mais uma igreja, fazer uma máquina de dinheiro. Não”. No trabalho de organização da memória, rememora o processo da escolha da cidade, diante da ausência

de igrejas não-católicas e mesmo de padres nos municípios do Baixo Amazonas (Bezerra, 2024) para demarcar a novidade que seria a Igreja de Cristo:

NUNCA viemos como protestantes e nem queremos ser pois nossa luta não é contra a Igreja Católica Romana. Não usamos títulos como “Pastor” ou “reverendo”, falsa imitações que vieram nos anos 80s por outros grupos ao ponto de fazer lavagem cerebral de chamar papai Pastor Clinto, uma denegação para rebaixar ao denominacionalismo e fazer a gente mais uma igreja protestante como todas as outras que só vieram depois contra Cristo dividindo o Corpo de Cristo, contra o Seu próprio querer e oração, João 17 (THOMAS, 2022).

Sua fala não quer deixar dúvidas: eles não são protestantes. Pelo menos não a Igreja de Cristo que reúne-se aqui em Urucará. Não copiaram sequer nos títulos religiosos, já que deixa claro que tanto seu pai quanto ele são missionários e não pastores. Apesar de Pastor Clinton ser como os demais colaboradores se referem ao norte-americano, inclusive no nome da Unidade Básica de Saúde em sua homenagem na cidade de Urucará, Timothy traz sua interpretação, “A razão é [que] missionário é uma pessoa que trabalha transculturalmente e planta igrejas. Então por isso que meu pai, muitos chamavam ele de pastor, mas realmente ele é missionário”. Este termo seria o adequado “porque ele veio transculturalmente, é dos Estados Unidos para o Brasil e estabeleceu congregação” (THOMAS, 2018); ou seja, segundo Timothy Thomas, seu pai foi um missionário, bem como ele próprio, o que é uma categoria diferente de “pastor”.

Tal termo pode ser entendido também a partir do discurso do pioneirismo. Nas memórias compartilhadas da família, “nós achamos que [Urucará] era tipo um lugar para um pioneiro; ele tinha que ser um pioneiro para viver aqui, porque as pessoas eram basicamente contra nós, considerava a gente protestante essas coisas” (THOMAS, 2018). Como apontamos (BEZERRA, 2024), a inserção protestante missionária no Brasil aproveitou-se da representação do protestantismo como sinônimo de avanço e progresso para desenvolver suas práticas no país. Assim, o adjetivo pioneiro revela a percepção do missionário como agente civilizador, alguém a trazer novas experiências, diferentes modos de ver e fazer a vida na Amazônia.

Mesmo que o Movimento de Restauração tenha nascido a partir de separações de outras denominações no século XIX, Timothy Thomas aparta seu movimento religioso dos demais. Eles não são “como todas as outras que só vieram depois”. Em ocasião anterior, o colaborador narrou sobre a reação de alguns católicos após a chegada da família e o início da Igreja de Cristo em Urucará, os quais “tinham medo que nós

éramos protestantes; como se fosse luteranos, nós não somos desse tipo”, por isso “imediatamente [...] mandaram avisar na Missão Scarboro em Itacoatiara, ‘os protestantes já chegaram aí’”. E continua pontuando, “as pessoas eram basicamente contra nós, considerava a gente protestante essas coisas” (THOMAS, 2018). Em outras palavras, Timothy Thomas define a sua família e igreja como diferentes dos outros, dos protestantes, e por isso não são ameaças aos católicos.

Mas em que sentido eles são diferentes? Afinal, se considerarmos suas ações, a Igreja de Cristo que reúne-se aqui em Urucará não parece um corpo tão avesso às características das igrejas protestantes/evangélicas na Amazônia estudadas em outros trabalhos, como Silva (2013), Carvalho (2015), Oliveira e Pinto (2017), Laranjeira (2020) e Torres Neto (2019). Como todas as igrejas não-católicas, não efetuam práticas proselitistas em busca da conversão de católicos e suas atividades sociais não visam fortalecer sua presença em áreas onde o Estado é fraco ou ausente? Suas diferenças são apenas de ordem teológica?

Se a missão de Urucará nos anos 1960 parece ter adotado o lema “não viemos como protestantes e nem queremos ser”, tais diferenças parecem terem sido perdidas para o grupo maior no Brasil, que quer ser igual às outras igrejas. Quando Timothy Thomas diz que “a gente está fora dos Pentecostais, Carismáticos e neo-Carismáticos, tudo inventados depois da Igreja de Cristo existir”, ele reafirma a defesa da singularidade do Movimento de Restauração. Enquanto o pentecostalismo e suas derivações são do século XX, a Igreja de Cristo nasceu antes; mas congregações da Igreja de Cristo brasileira começaram a aderir ao pentecostalismo na década de 1970, o que se tornou o padrão para a maioria das igrejas no país. Segundo Timothy, houve uma reconfiguração do modelo das igrejas: “foram mais e mais para o lado que nós chamamos ‘carismático’, ‘neocarismático’, ‘curas e milagres’, e então não seguiram a maneira de adoração das igrejas da onde vieram nos Estados Unidos” (THOMAS, 2018).

Em um grupo hoje liderado por pastores, bispos e até apóstolos pelo país, inclusive com mulheres na liderança, a reivindicação que Timothy Thomas faz dos ofícios e crenças religiosas provavelmente cause estranheza. Pode-se conjecturar que houve uma reordenação do discurso religioso nas igrejas de Cristo brasileiras, afastando aqueles que eram contrários à renovação. A proliferação da estrutura de ministérios, que se comportam como denominações a gerir diversas igrejas, e a adesão em massa a práticas e crenças do neopentecostalismo, revelam a existência de várias Igrejas de Cristo dentro de um corpo maior e uma igreja cada vez mais brasileira (BEZERRA, 2024). O

que é verdadeiro para Timothy Thomas, parece não fazer mais sentido para os demais herdeiros do Movimento de Restauração que contam sua origem a partir de 1948 em Goiânia.

Tal discussão reverbera uma antiga pergunta: há um “protestantismo no Brasil”, como defendido por Mendonça (2005) ou há protestantismos brasileiros, como argumenta Meneses (2011)? Mendonça (2005, p. 51) abaliza que enquanto “é permitido falar em catolicismo brasileiro”, devido as assimilações locais, do outro lado, “o protestantismo que chegou ao Brasil jamais se identificou com a cultura brasileira. Continua sendo um protestantismo norte-americano com suas matrizes denominacionais e dependência teológica”. Ou seja, a contínua influência das igrejas e doutrinas norte-americanas é encarada como uma barreira para a existência do “protestantismo brasileiro”. A crítica do Dr. Thomas sugere que isso se perdeu, clamando pela necessidade do Movimento de Restauração no Brasil seguir aquilo que foi ensinado pelos fundadores no século XIX e trazidos pelos primeiros missionários norte-americanos. Sem alterações.

Em direção contrária, Meneses (2011, p. 134-135) avalia que independente dos rótulos e diferenças, as igrejas no Brasil podem ser interpretadas como “um grande movimento que se mistura, e que este movimento, presumivelmente, continua a sua trajetória, contribuindo de forma decisiva para modificar as características básicas do protestantismo originário dos Estados Unidos e da Europa”. Tal trajetória pode “inserirlos como integrantes de um certo protestantismo brasileiro”.

Criticando as rotulações, o autor apresenta “a tese de tratar todos esses religiosos, independente da intensidade desse ou daquele dom espiritual, ou ainda dessa ou daquela data de chegada, como protestantes brasileiros” (Meneses, 2011, p. 137). As transformações dentro do(s) protestantismo(s) no Brasil, desde sua chegada, foram “profundas modificações reinventadoras desse grupo religioso”, ainda que sem “perder determinadas características definidoras” (p. 138). Nessa perspectiva, não se pode esperar “um modelo de religiosidade presumivelmente puro”, pois o protestantismo no Brasil “é caracterizado pela capacidade de absorver e de ser absorvido” (p. 140). As novas características da Igreja de Cristo no Brasil, transformações que começaram há mais de meio século, claramente indicam essa capacidade de reinvenção e adequação, não só na Igreja de Cristo, mas em todas as igrejas implantadas no Brasil; os que não as aceitam, muitas vezes levam à fragmentação dos movimentos, justificando a busca de uma religiosidade pura e perdida pelos detentores do poder.

Embora possam ser identificadas ressignificações, permanece “a matriz religiosa ou religiosidade mínima: o caráter salvacionista e a centralidade do Cristo Redentor” (MENESES, 2011, p. 143), mesmo que as diversas transformações criem “um certo protestantismo brasileiro, portanto, não mais o protestantismo americano ou europeu aqui chegados na primeira metade do século XIX”. Em todo caso, “as mudanças aconteceram, mas não deixaram de ser, na essência, aquilo que eram quando foram trazidos para o Brasil” (p. 144). Logo, mesmo que a Igreja de Cristo no Brasil tenha se reconfigurado, não deixa de se considerar um desenvolvimento legítimo da história do Movimento de Restauração (BEZERRA, 2024).

### DAS FONTES PARA A HISTÓRIA DA IGREJA

O discurso, objeto de desejo, segundo Foucault (1996, p. 10), também é “aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar”. Timothy Thomas está afastado do discurso da instituição e por isso confronta-o, no que parece uma tentativa de apropriar-se desse discurso, já que deseja a verdade.

A crítica de Timothy Thomas (2022) à “desinformação, falta e visão, desentendimento” não alcança apenas os membros das igrejas de Cristo, mas também é clara ao discurso acadêmico que produziu esta pesquisa: “É mui provável nem seus professores e os que vão fazer o exame (eu sei como é, pois tive estes exames também) vão saber destes detalhes cruciais. Mas eu lhe alerto para não ser apanhado de surpresa”. Seu parecer atinge as fontes utilizadas, tanto os *sítes* quanto os pastores-historiadores da igreja brasileira:

E tive imensa pena ver as “fontes” que eu sei que o Sr procurou com toda delicadeza. Só que vários são tão superficiais e paupitários que um profissional como eu fico com vergonha. Só pra não pensar que eu estou querendo me elogiar, o site <https://www.worldconvention.org/><sup>4</sup> eu protestei contra os erros e terrível falta de informação do Norte do Brasil (THOMAS, 2022).

Para sua consternação, quem escreve a história da Igreja de Cristo, “nunca veio no Norte do Brasil e nunca em Urucará”. Então não pode falar sobre eles. Percebe-se também como a memória construída pelos pastores-historiadores da igreja destaca os

<sup>4</sup> A World Convention era um órgão de unidade entre os três ramos de igrejas Stone-Campbell, criado em 1930. Contudo, recentemente mudou de marca, apresentando-se como Global Christian Connexion. Disponível em: <https://gconnexion.org/?referrer=self>. Acesso em: 03 abr. 2024.

migrantes religiosos que se fixaram no Centro-Oeste, região onde ainda se concentra a maioria de suas igrejas; por isso, não mais que algumas menções são dadas aos missionários da região Norte (BEZERRA, 2024). Podemos perguntar porque a biografia de Clinton Thomas não parece vantajosa para a construção da memória nacional – logo, coletiva – da Igreja de Cristo. Deve-se ao trabalho em uma região isolada, a ter gerado uma igreja pequena ou a não ter se ligado às novidades do desenvolvimento da igreja brasileira?

Por isso, Timothy atesta que tal “historiografia não vai delinear as nossas particularidades pois está num sistema denominacional”, portanto, contaminada e não consegue compreender as trajetórias dos Thomas. Em seguida, desvela como nessa construção de memória o discurso dominante se aproveita do seu poder e enquadra o que a ele se opõem: “Rebaixaram que todos os missionários eram quadrados conservadores [...] uma generalização particularizada imposta sobre todos, sem investigação, unilateralmente” (THOMAS, 2022). Dessa forma, os assim definidos são interditados.

Quando rememora outro dos mediadores formais da instituição brasileira, Timothy também o examina: este, “novo ao movimento da Restauração, parou de comunicar comigo” após ter trocado o nome de dona Phyllis Thomas ao citar a família e cometer “outros erros concretos”. Tais erros, conforme o missionário, incluem que “ele não sabia distinguir os três ramos” e esquecer “fontes cruciais” dos fundadores e outros pensadores do início do Movimento de Restauração (THOMAS, 2022).

Segundo Foucault, existem quatro sistemas de restrição que condicionam o funcionamento do discurso e podemos encontrá-los na narrativa de Timothy Thomas: os rituais, as sociedades de discurso, as doutrinas e as apropriações sociais. O ritual “define a qualificação que deve possuir os indivíduos que falam”, os quais “devem ocupar determinada posição e formular determinado tipo de enunciados”. Os discursos religiosos também “não podem ser dissociados dessa prática de um ritual que determina para os sujeitos que falam, ao mesmo tempo, propriedades singulares e papéis preestabelecidos” (FOUCAULT, 1996, p. 39). Não sabemos se Timothy Thomas, em décadas anteriores, foi reconhecido nessa posição, mas parece claro que atualmente o mediador oficial, historiador interno da Igreja de Cristo no Brasil, não reconhece no missionário as qualificações para encetar o diálogo. Por isso, “parou de comunicar” com ele, um dos “quadrados conservadores”.

Enquanto isso, o mediador formalizado da instituição em seu papel de enquadramento da memória da Igreja de Cristo no Brasil, é parte da sociedade de discurso, responsável por “conservar ou produzir discursos, mas para fazê-los circular em um espaço fechado, distribuí-los somente segundo regras estritas, sem que seus detentores sejam despossuídos por essa distinção” (FOUCAULT, 1996, p. 39). Seja qual for o discurso, lembra o autor, “se exercem ainda formas de apropriação de segredo e de não-permutabilidade” (p. 40), e na sociedade de discurso “o número de indivíduos que falavam, mesmo se não fosse fixado, tendia a ser limitado” (p. 41). É por essa pertença que o historiador oficial pode manter, organizar e fazer circular esse discurso, quando quer e da maneira que quer, tendo legitimação para tal.

Timothy Thomas não tem esse apoio, mas afirma seu direito através da doutrina. Ao contrário das sociedades de discurso, a doutrina “tende a difundir-se; e é pela partilha de um só e mesmo conjunto de discursos que indivíduos, tão numerosos quanto se queira imaginar, definem sua pertença recíproca” (FOUCAULT, 1996, p. 42); além disso, “a pertença doutrinária questiona ao mesmo tempo o enunciado e o sujeito que fala, e um através do outro”. Ainda que separado dos discursos da instituição, afastado tanto espacialmente quanto epistemologicamente das vozes autorizadas, Dr. Timothy Thomas se firma na doutrina histórica, aquele corpo codificado, estabelecido, especializado e ensinável de quase dois séculos, portanto, superior aos grupos no poder. Porém, a doutrina questiona tanto o falante quanto o que é falado, ela “realiza uma dupla sujeição: dos sujeitos que falam aos discursos e dos discursos ao grupo, ao menos virtual, dos indivíduos que falam” (p. 43).

Vemos que Timothy Thomas se arvora nos escritos dos fundadores e no grupo inicial norte-americano, os quais lhe dão guarida para ser o portador de um discurso verdadeiro do qual seus irmãos brasileiros se afastaram. Parte daí sua crítica à sociedade do discurso no poder na Igreja de Cristo no Brasil. Quando diz que outras experiências do cristianismo evangélico, como os pentecostais, nasceram “depois da Igreja de Cristo existir”, Timothy Thomas reafirma a singularidade do Movimento de Restauração. Contudo, sua vontade de verdade encontra ressonância no grupo brasileiro? Eles compartilham com Timothy os mesmos enunciados? Não haveria agora uma nova doutrina, da qual ele é o autoexcluído, por isso sem voz no grupo?

Ao reivindicar o afastamento dessas novidades, nosso colaborador afirma a autoridade dos autores do século XIX sobre qualquer prática posterior e também sobre qualquer conhecimento a respeito do Movimento de Restauração. Para Dr. Thomas, eles

são o “princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência” (FOUCAULT, 1996, p. 26). Seu argumento é: como poderia haver outro discurso sobre a Igreja de Cristo que não venha de Stone, Campbell e outros teólogos? Qual memória pode se construir longe deles?

Isto também se aplica ao pesquisador; citando uma obra de Walter Scott, de 1836, Timothy Thomas narra: “que fiquei pasmado nem ter referência dele, nas fontes citadas, para o seu conhecimento, a pessoa que mais ilustrou a maneira de conversão no Movimento de Restauração, e o mesmo foi quem viu que o movimento não era só uma Reforma e sim uma Restauração”. Em outras palavras, mesmo que nosso objetivo não tenha sido estudar a teologia da Igreja de Cristo e seus desdobramentos, estudar as “fontes cruciais” e basear-se nelas, segundo nosso colaborador, é indispensável.

A autoridade dos autores-fundadores do Movimento de Restauração é fundamental e inquestionável. Considera que qualquer interessado no Movimento, interno ou externo, deve conhecer esses documentos antigos da igreja e não comparar com outros movimentos cristãos: “Então por isso digo, tem informação, mas nem os membros querem aprender. Ficam FALHANDO imitar estas ‘outras igrejas’ que não nos domina” (THOMAS, 2022).

Entra então a apropriação social dos discursos. Segundo Foucault (1996, p. 44), é pela educação que temos acesso a qualquer tipo de discurso e “todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo”. Os sistemas educacionais da Igreja de Cristo no Brasil, por meio de cultos, cursos e seminários, atuaram para modificar os discursos originários, defendidos por Timothy Thomas? Ou a resignificação desses discursos é natural do desenvolvimento do movimento brasileiro, diante dos novos saberes e poderes da conjuntura nacional? A educação, nesse sistema religioso, deve atender às verdades de Timothy ou às novidades dos protestantismos brasileiros?

Timothy também avalia as fontes orais utilizadas em um dos trabalhos (BEZERRA, 2021), assinalando como Thomas Joel Thomas e Maria Auxiliadora da Costa Vieira foram “imerso na igreja”, ou seja, batizados nas águas e, conseqüentemente, acompanharam a história de Clinton Thomas de perto, e destacando Renato Braga Vieira, pois “foi o melhor testemunho que não foi imerso na Igreja”. Sua preocupação é quanto à possibilidade de se “questionar a qualificação das fontes”, por isso, afirma seu lugar como melhor fonte sobre a trajetória de seu pai e de sua igreja: “Em vida eu tenho mais informação, doutrina, experiência, e dirijo a igreja com o maior grau acadêmico de

todo Amazonas, e quem mais visitou afora em missões, e como missionário pela/da igreja de Cristo Reúne-Se Aqui” (THOMAS, 2022).

Na entrevista, quando também lembrou do espaço que dão à sua família nas produções dos *sites*, Timothy Thomas desvelou seu combate aos “erros concretos”:

Agora o nosso lá, eles erraram muito, tá muito errado do Norte do Brasil. Inclusive o nome da mamãe, tá o nome da vovó e tudo essas coisas. Aí eu fui desafiar, criou uma controvérsia, “quem é tu”, “bom eu sou que tá aqui né, eu cresci nisso, então eu sei que não tá certo”. Mas de qualquer maneira é uma organização grande, então parece que você já viu lá (THOMAS, 2018).

Pollak (1992, p. 204) destaca que memória e identidade estão em disputa, “em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos”, especialmente se “todo mundo sabe até que ponto a memória familiar pode ser fonte de conflitos entre pessoas”. As narrativas de Dr. Thomas e dos textos da igreja indicam tais conflitos, que é mais do que pessoal para ele. Ele sabe o “que não tá certo”, pois esteve aqui e assim construiu sua identidade que agora se disputa com a identidade do Movimento.

Como responder a essa “controvérsia” que exclui a validade do seu discurso? Quais as credenciais de Timothy Thomas? O que o torna confiável apesar de ser separado pelos mediadores formais da Igreja de Cristo no Brasil? Qual o poder do sujeito diante de “uma organização grande”? Dr. Timothy Thomas ancora-se em sua trajetória missionária e acadêmica, bem como na fidelidade à antiga doutrina do Movimento de Restauração. Além disso, ele busca seu respaldo nas igrejas norte-americanas:

Da “Igreja de Cristo, Igrejas Cristãs”, “Churchs of Christ, Cristian Churches”, então tem uma lista chamada “Directory of the Ministry”, “Diretório do Ministério”, então por exemplo meu nome tá lá, do meus pais tá lá, você pode ver de outros anos, tão registradas as pessoas que estão. Então tem gente que quer ser aclamar, mas não está neste livro; então eles estão se fazendo, mas não estão na lista [...] E no fundo eu sou o último que é do Johnson Bible College e eles nem me querem reconhecer - então pronto, e ficou por isso. De qualquer maneira, eu sou também filho do último que veio pelo Amazon Valley Christian Mission, eu sou o último descendente, realmente no norte do Brasil eu sou a última pessoa e a única pessoa da segunda geração de missionários, que vieram como missionário trabalhador de igreja hoje (THOMAS, 2018).

A menção ao Johnson Bible College, seminário onde também estudaram seus pais, os Sanders e os primeiros missionários para o Brasil, é importante por demarcar sua ligação histórica com as missões ao Brasil, inserindo-se em uma tradição que teria sido extinta. Além disso, rememora também que já produziu obras sobre a história cristã e do Movimento de Restauração: “eu talvez seja [...] a pessoa que mais conhece a Igreja, tenho o grau mais alto na igreja e eu já escrevi história sobre a Igreja de Cristo. Aí também eu tenho, ensino até curso de História de Igreja, tenho um livro dos primeiros seiscentos anos” (THOMAS, 2018).

Percebemos que em seu rememorar, Dr. Thomas nos dá o indício da “ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade” (Pollak, 1992, p. 204). A construção da identidade, segundo Pollak, segue três elementos essenciais:

Há a unidade física, ou seja, o sentimento de ter fronteiras físicas, no caso do copo da pessoa, ou fronteiras de pertencimento ao grupo, no caso de um coletivo; há a continuidade dentro do tempo, no sentido físico da palavra, mas também no sentido moral e psicológico; finalmente, há o sentimento de coerência, ou seja, de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados (POLLAK, 1992, p. 204).

O autor ainda pontua que a memória “é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si” (POLLAK, 1992, p. 204). O sentimento de identidade de Timothy Thomas com o Movimento de Restauração não foi abalado. Ele se sente pertencente a um grupo maior, firmado em seus fundadores e teólogos, em uma continuidade de quase duzentos anos desde a fundação, sendo coerente a todos os enunciados que esse passado sustenta. Contudo, ele não tem mais lugar na memória coletiva da maior parte do grupo brasileiro, nem em pertencimento nem em direito a contestação. O grupo se reconstruiu e ele não tomou parte dessa transformação; permanece como “a última pessoa” de outra geração.

Por isso, com seu histórico e currículo, ainda fica a pergunta: por que então não seria ouvido? Por que não é reconhecido? Por que não pode debater? Trata-se apenas de sua aversão às novidades? Uma possível explicação para a interdição é por sua voz revelar os conflitos silenciados na historiografia oficial da igreja, que como preconizam Silva e Veras (2016, p. 172), aproxima-se “da hierofania típica das hagiografias católicas”, construindo a identidade do grupo a partir de trajetórias que poderiam ser exemplos para

os fiéis, alcançando “os objetivos da memória institucional” (p. 169). E em histórias que são contadas a partir da intervenção divina e da excepcionalidade dos biografados, não cabem memórias e identidades disputadas.

É nas memórias individuais que os silêncios coletivos são revelados. Como quando Timothy Thomas rememora os diferentes missionários atuando em Brasília, “e eu acho que tinha uma rivalidade lá - muitas pessoas se negam, não querem falar, mas eu sendo uma pessoa acadêmica, acho que tinha isso embaixo, no fundo, tipo um espírito de competição”. Também quando conta que houve um conflito que obrigou seus pais a deixarem tudo em Macapá: “[tomaram] o nosso lugar em Macapá porque nós fizemos um prédio em Macapá, que posteriormente foi tomado de nós” (Thomas, 2018), o que resultou na volta da família para os Estados Unidos em 1961. O colaborador não entrou em detalhes sobre qual a causa dessa tensão, apenas deixando revelar a participação de outros missionários em uma possível disputa pelo espaço dos Thomas e daquilo que construíram em Macapá (BEZERRA, 2024).

Quem é esse que não participa dos discursos oficializados? Ora, “eu sou que tá aqui né, eu cresci nisso, então eu sei que não tá certo” (THOMAS, 2022). Suas memórias revelam os sentimentos e reações por trás dos eventos, como aquele que narra as histórias dentro da História. Nas narrativas de Timothy Thomas encontramos os confrontos entre os discursos, as verdades, dentro da história de uma igreja de mais de setenta anos no Brasil, dos quais nosso colaborador é mais que expectador.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nossa pesquisa investiga a trajetória de um missionário norte-americano e assim procura entender os processos históricos em que ele e sua igreja se envolvem. Por meio da metodologia da história oral, entrevistamos pessoas que vivenciaram a história de Clinton Benjamin Thomas direta ou indiretamente. Tais colaboradores atendem a nossa proposta para a história dos protestantismos brasileiros: ouvir e compreender as memórias dos outros sujeitos envolvidos nela. Destes, destacamos o filho mais velho de Clinton, Timothy Benjamin Thomas, também missionário.

Contudo, Dr. Timothy Thomas, em décadas de estudo e de missões, discorda dessa premissa, pois segundo ele, “nunca viemos como protestantes e nem queremos ser”. Entretanto, nossa conclusão foi baseada nos discursos da Igreja de Cristo no Brasil, que reconhece sua herança histórica a partir de outros movimentos de caráter protestante

no mundo, especialmente nos Estados Unidos. Como entender a diferença de pensamento entre a historiografia eclesiástica do Movimento de Restauração no Brasil e o Dr. Thomas?

A Igreja de Cristo no Brasil construiu sua identidade, se afastando do que Timothy Thomas considera como os ideais do Movimento, estabelecidos no século XIX. Como uma igreja cada vez mais brasileira, em meio a novas experiências no campo protestante/evangélico/pentecostal nacional, seus líderes reordenaram seus discursos, aparentemente afastando aqueles que são contrários às novidades. Timothy Thomas não as aceita, em sua vontade de verdade, reclamando o lugar das “fontes cruciais” e combatendo os “erros concretos”. A história da Igreja de Cristo em Urucará, que não teria vindo como protestante, é seu lugar de memória para rebater a reconstrução da identidade do Movimento.

Porém, onde estaria a verdade? Nos discursos escritos dos pastores-historiadores, responsáveis pelo trabalho de enquadramento da memória da Igreja de Cristo no Brasil, ou na voz do missionário, a quem escutamos no interior do Amazonas? Apesar de diferentes, não seriam ambos discursos verdadeiros? As memórias e a identidade de Timothy Thomas nos falam a partir de suas vivências religiosas e acadêmicas, revelando mais que as fontes oficiais, sem medo de confrontar os silêncios, pois fala das experiências do sujeito cuja história de vida se entrelaça com o Movimento de Restauração. A Igreja de Cristo no Brasil, por meio de seus mediadores oficiais, conta sobre si, destacando seus exemplos de fé, sua história imersa na ação da divindade, o desenvolvimento que a levou ao crescimento. Em ambas as narrativas, pelo discurso, enquanto objeto do desejo, enxergamos e questionamos os enunciados e os sujeitos. Por fim, no problematizar das memórias e dos discursos do missionário e de sua igreja, podemos compreender um pouco mais dos processos históricos da história da Amazônia e do Brasil.

## REFERÊNCIAS

### FONTES

THOMAS, Timothy Benjamin. **Comunicação pessoal**. E-mail a César Aquino Bezerra. 11 de janeiro de 2022.

THOMAS, Timothy Benjamin. **Entrevista**. Concedida a César Aquino Bezerra, na residência do colaborador em Uruará/AM. 17 de dezembro de 2018.

## BIBLIOGRAFIA

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2014. p. 155-202.

BEZERRA, César Aquino. **Da Pensilvânia ao Amazonas: a trajetória missionária de Clinton Benjamin Thomas e a Igreja de Cristo em Uruará**. Manaus: EDUA; São Paulo: Alexa Cultural, 2024.

BEZERRA, César Aquino. O protestantismo no interior do Amazonas: a trajetória do missionário Clinton Thomas e a Igreja de Cristo em Uruará. *In*: BEZERRA, César Aquino; VIEIRA, Everton Dorzane; OLIVEIRA, Roger Kenned Repolho de (Org.). **Um Rio de Histórias: conexões entre memória, cultura e patrimônio no Baixo Amazonas**. Curitiba: CRV, 2021, p. 25-39.

BEZERRA, César Aquino; SANTOS, Tiago Fonseca dos. História oral, memória e seus significados para a história na/da Amazônia. *In*: COSTA, Francisca Deusa Sena da; MOURA, Anderson Vieira (org.). **Os 200 anos de independência e seus significados para a Amazônia**. Curitiba: Editora CRV, 2023, p. 13-20.

BOSI, Ecléa. **O tempo vivo da memória: ensaios de psicologia social**. São Paulo, Ateliê Editorial, 2003.

CARVALHO, Sandro Amorim de. **O povo do livro: uma história da inserção do protestantismo em Manaus (1888-1944)**. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2015.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GOMES, Ângela de Castro. A guardiã da memória. **Acervo**, Rio de Janeiro, v. 9, n°. 1/2, p. 17-30, jan./dez. 1996. Disponível em: <https://revista.an.gov.br/index.php/revistaacervo/article/view/397/397>. Acesso em: 10 abr. 2018.

LARANJEIRA, Rhaisa Christie Graziella de Souza. Primeiros passos dos batistas em Manaus no início do século XX. **Manduarisawa**, v. 4, n. 2, p. 148-164, 2020. Disponível em: <https://periodicos.ufam.edu.br/index.php/manduarisawa/article/view/8305>. Acesso em: 22 out. 2022.

MENESES, Jonatas Silva. Protestantismo, Protestantismos ou Protestantismo à brasileira? **Revista Nures**, Ano VII, Número 18, p. 133-146, maio-ago. 2011. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/nures/article/view/5686>. Acesso em: 07 out. 2019.

MONTYSUMA, Marcos. Memória e esquecimento. *In*: REIS, Tiago Siqueira *et al* (Org.). **Coleção História do Tempo Presente: volume 1**. Boa Vista: Editora da UFRR, 2019.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. *In*: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (org.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012.

OLIVEIRA, Liliane Costa de; PINTO, Marilina Conceição Oliveira Bessa Serra. Os primeiros passos do Protestantismo na Amazônia. **Estudos de Religião**, v. 31, n. 2, maio-ago. 2017, p. 101-

125. Disponível em: <https://www.metodista.br/revistas/revistas-ims/index.php/ER/article/view/7103>. Acesso em: 18 dez. 2018.

POLLAKE, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, vol. 5, n. 10, p. 200-212, 1992. Disponível em: <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/view/1941/1080>. Acesso em: 15 fev. 2018.

PORTELLI, Alessandro. **História Oral como arte da escuta**. São Paulo: Letra e Voz, 2016.

SILVA, Cláudio Lísias G. dos Reis. **“Ganhar almas para Cristo” e as relações de poder: a propaganda proselitista protestante em Belém do Pará (1890-1912)**. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Universidade do Estado do Pará. Belém, 2013

SILVA, Wilton Carlos Lima da; VERAS, Rogério de Carvalho. As Biografias Protestantes como Hagiografias: análise de três obras biográficas do protestantismo brasileiro (1930-1950). **Revista Brasileira de História das Religiões**, ANPUH, Ano IX, n. 26, p. 163-184, set./dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/32446>. Acesso em: 15 ago. 2020.

TORRES NETO, Diogo Gonzaga. **A Ética Protestante e o Espírito da Amazônia: Os escritos, pensamento e a obra missionária adventista de Leo B. Halliwell**. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Sociedade e Cultura na Amazônia. Manaus: Universidade Federal do Amazonas, 2019.



[www.revistafenix.pro.br](http://www.revistafenix.pro.br)

Recebido em: 21/05/2024

Parecer dado em: 19/08/2024